

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

## A DESCONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA EM MEIO SOL AMARELO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

THAMIRYS SOUSA SILVA<sup>1</sup>

EDNA SOUSA CRUZ<sup>2</sup>

### AFILIAÇÃO

<sup>1</sup>UEMASUL – CCHSL – R. Godofredo Viana, 1300 – Centro, Imperatriz – MA, 65900-000.

<sup>2</sup>UEMASUL – CCHSL – R. Godofredo Viana, 1300 – Centro, Imperatriz – MA, 65900-000.

### RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo tecer um estudo acerca da produção literária africana de autoria feminina como instrumento de desconstrução do imaginário equivocadamente sobre o continente africano à luz do romance *Meio Sol Amarelo* (2008), da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A partir da pluralidade de narrativas que compõe o seu enredo, *Meio Sol Amarelo* configura-se espaço de denúncia e transgressão dos pressupostos do patriarcalismo e do eurocentrismo ao passo que fundamenta novas perspectivas sobre o debate racial. O *corpus* desta investigação constitui-se de recortes narrativos centrados nas problemáticas que incidem nas personagens protagonistas da obra e perpassam pelas questões de raça, gênero, classe, poder e identidade. Este estudo também buscou discorrer sobre como a autora explora as relações entre História e Literatura como formas especiais de compreensão sobre os processos de (des)construção humana. Por meio da tessitura do romance a autora convida o leitor para acompanhar as transformações das relações sociais, familiares e amorosas que têm como pano de fundo e fator condicionante dessas mudanças a guerra Nigéria-Biafra. Através de sua escrita, Adichie busca apresentar aos seus leitores representações mais fidedignas possível não somente da Nigéria, mas também do continente africano como um todo e para além de suas fronteiras, possibilitando a desleitura dos sujeitos subalternizados. Por meio dessa desconstrução de pressupostos etnocêtricos sobre a África e suas africanidades, evidencia-se a exploração de temáticas que elucidam questões como colonialismo, identidade racial e racismo, gênero e feminismo negro, problemáticas essas amplamente discutidas ao longo do conjunto da obra de Adichie, sendo aqui explorado destacadamente o seu romance *Meio Sol Amarelo*. A leitura analítica dos dados indica que, por meio da memória do povo nigeriano, Adichie concilia tradição ancestral e questiona a herança colonial no desenvolvimento de novos paradigmas epistemológicos que possibilitam a revisão dos aparatos opressivos face ao reconhecimento e a valorização do sujeito africano como produtor de conhecimento crítico-reflexivo (Moraes, 2017).

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura africana; Autoria feminina; Romance adichiano.

## INTRODUÇÃO

É voz corrente que as representações construídas acerca do continente africano ainda são permeadas por um imaginário negativo e etnocêntrico que alude a uma África mísera, de atraso e privações (Adichie, 2009). A disseminação desse imaginário afigura-se denúncia de diversos processos de dominação impostos pelo eurocentrismo às culturas consideradas subalternas. Com a expansão do colonialismo em nível mundial, como argumenta Quijano (2005), também foram elaboradas e difundidas a abordagem eurocêntrica do conhecimento e a concepção da ideia de raça como meio de naturalizar as relações de dominação entre europeus e não-europeus características do regime colonial.

Na sua conhecida palestra intitulada *O perigo de uma história única*, Adichie (2009) postula a concepção de história única para elucidar as narrativas equivocadas acerca do continente africano. As histórias únicas, para ela, são imagens e estereótipos engendrados sobre a figura do Outro e ideologicamente disseminadas como verdade absoluta. Para a autora, também é inegável a relação entre as histórias únicas e questões de poder, visto que a habilidade de um grupo contar a história de outro e idealizá-la como a sua única e definitiva narrativa ocorre como consequência da relação dicotômica dominador/dominado, colonizador/colonizado, homem/mulher, sendo ela determinada pela influência do poderio político e econômico do primeiro sobre o segundo (Adichie, 2009).

Ao analisarmos a história da Literatura e a elaboração de um cânone literário em seus privilegiados e excluídos, percebe-se que, por muito tempo, a prática literária era um campo predominantemente masculino, geralmente composto por homens brancos e burgueses, não cabendo a pessoas negras, em especial às mulheres, entre outras minorias, ter espaço nesse segmento. Diante da formação de um modelo literário excludente atrelado à esmagadora realidade da heteronormatividade do patriarcado, evidencia-se como a figura da mulher foi subalternizada em relação ao homem, tendo lhe sido negado o direito de se enunciar e existir para além do lugar subserviente que lhe fora prescrito (Silva, 2021).

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

Ainda segundo Silva (2021), partindo da crítica feminista sobre a história única da divisão de papéis de gênero, os discursos pós-coloniais articulados pelas mulheres passaram a questionar a construção histórica e cultural do lugar da figura feminina sociedade. Nesse sentido de desmascaramento de pressupostos sexistas, a presença de mulheres na literatura, ao tencionar espaços de reflexão em lugares que tradicionalmente lhes fora negado, vem simbolizando tanto a luta pela libertação feminina quanto a ressignificação e valorização das suas produções (Moraes, 2017). Dentre os nomes em ascensão nessa corrente literária desconstrutora, pode-se citar a nigeriana Chimamanda Adichie, autora de *Meio Sol Amarelo*, objeto de estudo desta investigação.

Nascida na cidade Enugu, em 15 de setembro de 1997, a escritora e ensaísta Chimamanda Ngozi Adichie é considerada uma das vozes de maior relevância do universo literário africano contemporâneo (Barbosa; Gomes, 2022). De origem igbo, Adichie (2014) teve a sua infância marcada pela sombra da guerra. A escritora informa que, apesar de a guerra ter tido um grande impacto no desenvolvimento da história moderna nigeriana, pouco era comentado sobre o ocorrido, até mesmo nas escolas. A partir de sua percepção acerca deste silenciamento, Adichie começou a pesquisar sobre este momento histórico para construir o enredo de *Meio Sol Amarelo*. O romance narrativiza os horrores da violência do conflito armado e dos dramas humanos daí desdobrados, configurando-se em uma fonte literária dialógica com a história, ainda que a autora não considere a obra um romance histórico.

Buscando desenvolver um estudo sobre como ocorre através da literatura desconstrução do imaginário etnocêntrico criado acerca da África, esta pesquisa tem por objeto de estudo o romance adichiano *Meio Sol Amarelo* (2008). Baseado em fatos transcorridos durante a guerra civil nigeriana, também conhecida como Guerra de Biafra, a obra apresenta uma riqueza literária no que se refere a sua elaboração estética e temática (Moraes, 2017), que possibilita a revisão das representações sociais criadas acerca da África e suas africanidades. O próprio título *Meio Sol Amarelo* faz alusão a uma figura emblemática da resistência biafrense: a bandeira de sua nação. O simbolismo dos elementos que compõem a bandeira são descritos na obra como mostra o excerto: "O vermelho era o sangue dos parentes massacrados no Norte, o negro era em sinal de luto pelos mortos, o verde era pela prosperidade que Biafra teria, e, por fim, o meio sol amarelo, que significava um futuro

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

glorioso” (Adichie, 2008, p. 328). De modo interpretativo, assim como a bandeira biafrense, *Meio Sol Amarelo* representa a esperança de um futuro glorioso para os degradados pela brutalidade da discriminação de raça, gênero e classe, constantemente honrando a memória daqueles que foram sacrificados em nome da falsa legitimidade do opressor.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza interdisciplinar, dialoga com os estudos literários acerca da teoria pós-colonial e os estudos de pensamento social brasileiro, de modo a problematizar a lógica colonial ainda vigente no tratar das relações sociais entre europeus e africanos, fazendo alusão também à realidade afro-brasileira. Para o desenvolvimento desta investigação, *a priori*, fez-se necessário encontros sistemáticos com a orientadora para estudo de textos teóricos e, posteriormente, seleção dos fragmentos da obra em pauta, os quais compõem o *corpus* deste estudo.

O aprofundamento da análise do romance *Meio Sol Amarelo* deu-se a partir da articulação de um diálogo entre a obra com as fontes teóricas aqui estudadas, dentre as quais pode-se citar *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, da escritora e psicóloga Grada Kilomba (2019). De modo empírico, as fontes, face a leitura interpretativa do romance, fundamentam as relações entre esta pesquisa e temáticas que elucidam questões que giram em torno de identidade, raça e colonialidade. Por meio da exploração do tecido ficcional do romance, compreendendo a dimensão social intrínseca da obra, buscou-se evidenciar e problematizar o imaginário hegemônico sobre a África bem como os estigmas impostos sobre os sujeitos de matrizes africanas e suas culturas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura, em seu bojo histórico, desenvolveu-se como leitura das sociedades, podendo exprimir o pensamento de um determinado grupo social ou época (Silva, 2021). Durante o desenvolvimento sócio-histórico das civilizações, diversas comunidades foram invadidas e subjugadas em um movimento de dominação violento que tencionava a inferiorização dos grupos subjugados, a exemplo do colonialismo.

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

Ao buscar estabelecer reflexões sobre a conjuntura literária dos povos colonizados, fez-se necessária a investigação de determinados aspectos emblemáticos que atravessam a sua construção estética e discursiva. A exemplo de um desses aspectos, destaca-se o próprio processo de colonização desses povos por outros grupos que tentaram impor-se como superiores a partir da imposição de sua cultura e traços fenotípicos como ideais. Este movimento ideológico conduziu a elaboração teórica do que conhecemos por raça e com ela a elaboração do processo de discriminação dela advindo (Quijano, 2005), isto é, o racismo.

Segundo Kilomba (2019, p. 74), o racismo apresenta, de modo simultâneo, três aspectos característicos, sendo o primeiro “a construção de/da diferença” em que é estabelecida uma relação de alteridade entre o branco e o “outro”. Tendo a branquitude se outorgado a norma padrão, os demais grupos passam a ser construídos como “diferentes”. Em outras palavras, “não se é ‘diferente’, torna-se ‘diferente’ por meio do processo de discriminação” (Kilomba, 2019, p. 74). Tal questão torna-se evidente na seguinte fala da personagem Odenigbo: “Eu sou nigeriano porque um branco criou a Nigéria e me deu essa identidade. Sou negro porque o branco fez o negro ser o mais diferente possível do branco. Mas eu era ibo antes que o branco aparecesse” (Adichie, 2008, p. 31). Através de falas como a de Odenigbo, pode-se perceber como a construção da diferença entre brancos e não-brancos consolida o apagamento histórico das identidades pré-existentes às dominações coloniais e impossibilita a elaboração de uma identidade pós-colonial livre de estigmas.

O segundo aspecto acerca do racismo consiste na intrínseca ligação entre as “diferenças” construídas e valores hierárquicos, que implicam não apenas em ver o “outro” como diferente, mas também como inferior, de modo a reforçar a ideia da superioridade branca e naturalizar o preconceito contra os grupos ideologicamente racializados. Por fim, o terceiro aspecto do racismo se refere a uma dimensão de poder de cunho histórico, econômico e político, que perpassa todas as esferas sociais, determinando as agendas políticas e educacionais de modo a representar oficialmente somente os interesses do grupo branco dominante. É esse sistema de desigualdade social baseado no preconceito racial atrelado a questões de poder que podemos chamar de racismo.

Tratando-se da esfera educacional, a população preta apresenta os menores níveis de escolaridade e evasão escolar. Estes fenômenos justificam-se em parte pelo fato de os negros serem a parcela social com as condições mais precárias de moradia e trabalho, evidenciando a

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

desigualdade econômica como fruto da desigualdade racial. Esta situação de vulnerabilidade social se faz presente na narrativa da personagem Ugwu, um garoto negro trazido do interior da Nigéria para trabalhar na casa de Odenigbo, professor universitário, que passa a ter um papel importante na educação do rapaz. Ugwu, ainda criança, teve os seus estudos interrompidos devido a vulnerabilidade socioeconômica de sua família. Ao saber do fato, Odenigbo faz o jovem retornar aos estudos. Sobre essa passagem, destaca-se o seguinte questionamento levantado por meio da personagem: “Como é que podemos resistir à exploração se não temos as ferramentas para entender o que é exploração?”. (Adichie, 2008, p. 20). A personagem ressalta o valor da educação no combate a exploração e na luta contra a subalternização dos grupos oprimidos, visto que a educação se configura ferramenta de (des)construção de discursos ideológicos, sendo de vital importância na capacitação e emancipação das culturas marginalizadas.

Cumpre apontar como o centro acadêmico, por vezes, não é um espaço neutro, mas um meio de reafirmação dos valores, padrões, versões e visões dos países do eixo ocidental. A este respeito, Adichie (2008, p. 21) denuncia a manipulação histórica operada e reitera que “Existem duas respostas para as coisas que eles vão lhe ensinar sobre a nossa terra: a resposta verdadeira e a resposta que você dá na escola para passar de ano. Você tem que ler livros e aprender as duas versões”. Emerge do dizer de Adichie a urgência de não somente ocupar espaços dentro da academia, mas também de se descolonizar os saberes e os discursos acadêmicos na efetivação da resistência e na construção de um contexto mais favorável aos grupos minoritários.

A falsa ideia de que a discriminação racial foi abolida com o regime escravocrata alimenta a utopia de que o mundo vive uma democracia racial onde não cabe falar sobre desigualdade racial. O racismo é visto como algo do passado que já não influencia as relações sociais atuais. Contudo, a exemplo do Brasil, a abolição da escravatura em 1888 não implicou no fim da lógica colonial. A este respeito, pode-se destacar a seguinte passagem de *Meio Sol Amarelo*: “a grande tragédia do mundo pós-colonial não é não ter dado à maior parte a chance de dizer se queria ou não esse novo mundo; a grande tragédia é que a maioria não recebeu as ferramentas para *negociar* nesse mundo.” (Adichie, 2008, p. 124). Apesar de a Lei Áurea simbolizar importante conquista na luta pelos direitos das pessoas negras, a sociedade brasileira permanecia ainda extremamente racista e segregacionista. Declarada a extinção da

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

escravidão no Brasil, não foram concedidos aos escravizados os meios necessários para a sua subsistência, isto é, moradia e trabalho dignos, acesso a saúde e a educação, etc. Retomando o fragmento destacado, os sujeitos recém alforriados não receberam as ferramentas para sobreviverem no mundo pós-abolição, permanecendo socialmente vulneráveis, marginalizados.

Diante do até aqui exposto, pode-se dizer, então, que como consequência do racismo historicamente enraizado nas sociedades colonizadoras e colonizadas, a lógica colonial não foi abolida das estruturas e das relações sociais ainda nos dias atuais. É essa colonialidade que Adichie busca confrontar e combater por meio de sua escrita, aqui entendida como ato de resistência e subversão da hegemonia ocidental.

## CONCLUSÕES

Nesta pesquisa, buscou-se fomentar reflexões sobre o retrato equivocado acerca da África e a identidade africana, partindo da problematização dos acontecimentos que conduzem as narrativas do romance *Meio Sol Amarelo*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Por meio da pluralidade de suas narrativas, a partir das quais é exposto as diferentes realidades africanas, evidencia-se como Adichie, enquanto ficcionista, preocupa-se em produzir relatos que contribuam para a superação das barreiras impostas pelos preconceitos social, estético e cultural dos quais o continente africano e os sujeitos negros são alvo.

Partindo de reflexões acerca da literatura africana de autoria feminina, mais especificamente a nigeriana, objeto de estudo desta investigação, destaca-se a necessidade de se explorar epistemologias que permitem pensar as produções científicas e culturais para além do dualismo Europa e América. Sob essa perspectiva de rompimento com os discursos hegemônicos, o romance *Meio Sol Amarelo* afigura fonte para a reflexão sobre a política, a cultura e a educação no processo de descolonização dos saberes e da organização social visto o seu potencial crítico, que pode ser aplicado em diversos contextos, estabelecendo um movimento de revisão das histórias únicas e de desconstrução desse imaginário opressor.

## APOIO FINANCEIRO

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

UEMASUL – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adichie, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Oxford: Conference Annual - Technology, Entertainment and Design - TED Global, 2009. Acesso em 8 de agosto de 2023.

Adichie, Chimamanda Ngozi. **Hiding from our past**. The New Yorker, 2014. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/culture/culture-desk/hiding-from-our-past>>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Adichie, Chimamanda Ngozi. **Meio Sol Amarelo**. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Barbosa, Xenia de Castro; Gomes, Márcia Letícia. **Meio sol amarelo: a guerra civil nigeriana entre a História e a Literatura**. CONJECTURAS. Vol. 22, No 1, p- 918-942.  
Bonnici, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, 1998.

Kilomba, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Moraes, Thayana de Araújo. **Há coisas em volta do teu pescoço: questões de gênero em Chimamanda Ngozi Adichie**. Orientadora. Profa. Dra. Tânia Maria de Araújo Lima. 2017. 129 fl. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

Quijano, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <[https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf)>. Acesso em: 26 de agosto de 2023.

Silva, Debora Jean Lopes. **Mulheres na Literatura: Escritas de autoria Feminina Negra**. Orientadora: Ana Maria Marques. Dissertação (Mestrado profissional) – Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Cuiabá, 2021. 139 fl.